

**ESCRITO COM O PRÓPRIO CORPO:
ANACRISTINACESAR, ARTHURBISPODOSARIO,
MANUELDACOSTA, FRANSKRAJCBURG**

Prof.a Dr.a Renata Azevedo Requião¹ (UFPel).

Resumo:

*Os artistas Ana Cristina Cesar, Arthur Bispo do Rosario, Manuel da Costa, Frans Krajcberg, em sua particular expressão poética, desenvolvem distintas linguagens, a partir de sua experiência por diferentes lugares. Tais expressões são a **poiesis** de cada um, seu **fazer / estar** no mundo. Resultado de distintos deslocamentos, nos quais cada um leva ao extremo a experiência com o próprio corpo. Em deslocamento que se dá nos limites por entre expressão da arte e expressão da própria vida, ou da vida feita em arte, ou da encenação da vida, esses artistas forçam nossa potencialidade de leitores, exigindo-nos buscar novos modos de ler e de produzir sentido. De **certa maneira**, se queremos apreender os objetos estéticos que eles produzem, nos forçam a **repetir seu movimento** de deslocamento por entre materialidades e expressões, cujo valor está pautado pelo **devir**. Ou seja: cujo valor não é um a priori.*

Palavras-chave: lugar, corpo, *poiesis*, deslocamento, escrita-de-si

Introdução

(imagem arthur bispo do rosario: – como – é que eu devo fazer um muro no fundo da – minha casa)

Talvez, ao participar deste simpósio intitulado **Espaço e Literatura**, eu possa começar falando em **território**, palavra que parece reencontrar certo fôlego nesta nossa época, quando, se vemos fragilizada a relação homem/Estado, também, e paradoxalmente, a vemos fortalecida, talvez desequilibradamente, nos aspectos em que tal relação, homem/Estado, nos mostra aquilo que não queremos ver em nós mesmos como homens civilizados que somos. Ou seja: homens que nos construímos partindo de uma certa relação barrada, homem/Natureza, em prol de outra relação barrada, homem/Cultura. A interdição nos constituindo sempre.

Deixo em seguida de lado essa conversa, talvez mais conversa de historiador (e não quero esquecer aqui a etimologia da palavra – *hystor* é aquele que vê e conta) e bem pouco de quem apenas pretende **ler o mundo** com a ajuda da literatura: pretendo apenas inventar o que vejo. Numa plaquinha de ágata na casa de anacristinacesar se pode ler “*a veces hay que creer para ver*”. Queria ainda antes fazer um pequeno comentário, quase à guisa de distração: de alguma forma, me parece, vem da evolução dessas relações barradas – repito-as: homem/Natureza, homem/Cultura, homem/Estado – essa espécie de distinção que insistimos em fazer entre nossa espécie e o **resto do mundo**. Não podemos apagar o fato global de assimilação do conceito de **identidade nacional** à estrutura burocrática, política, e no limite bélica, que multifaceta o **território** do mundo em nações do mundo.

Curiosamente são dois os movimentos que pretendo fazer aqui neste texto: um, no qual me ocupo intensamente de cada um desses poetas tão únicos, distintos e discretos, no sentido matemático do termo, na construção de seus **objetos estéticos**, Ana Cristina Cesar, Arthur Bispo do Rosario, Manuel da Costa, Frans Krajcberg; poetas de cuja produção poética me ocupo, com a qual me envolvo, pela qual me perco e da qual tento dizer. Se a interdição nos é constitutiva, experimento-a radicalmente tentando falar de coisas que não entendo.

O outro movimento é justamente esse: o reconhecimento de que, para quem apenas deseja se posicionar adequadamente para ler/ver, a escolha de um ponto de vista implica no reconhecimento da casualidade desse ponto. E a **adequação** aqui deve ser compreendida apenas na medida do corpo do homem: o termo correto é **ergonomia**.

Não há, portanto, a possibilidade de me manter num discurso causal se reconheço que meu ponto de vista é apenas um ponto de escolhas mais ou menos conscientes, adequadas às medidas de meu corpo. De certo, é ponto de vista marcado por uma série de afinidades eletivas, da ordem da escolha, e da ordem do desejo e da inconsciência prévia à **propriocepção**.

Há ainda menor possibilidade de me manter no discurso, quando reconheço que meu ponto de ver já não coloca os **objetos em perspectiva**, mas numa mesma **cena**, e portanto num **lugar** muito próximo ao lugar em que eu me encontro. A boa idéia da perspectiva, não esqueçamos, é o afastamento. É a captura da distância. Estou aqui falando também sobre controle, sobre contenções. E quero dizer: a possibilidade de representarmos a distância – expressão que se o português me permitisse escreveria com crase, pois sempre que representamos estamos/somos a distância da coisa representada – então, a possibilidade de representarmos a distância é algo que está diretamente associado ao nosso **estado civilizatório**. À vida nas cidades, lugar por excelência dos homens. Distância e interdição. Só falamos daquilo que pomos a distância.

Volto aos meus poetas de escolha: há de alguma forma um **certo modo particular de fazer** que aproxima esses quatro poetas. Cada um, **na sua particular maneira de se expressar**, escolheu, e não fazendo de outro modo, daí a expressão discreta e única, uma determinada **manifestação poética** – a poesia, *poiesis*, como expressão da mão em festa. A técnica do uso das próprias mãos. Ergonomia de novo. Rito do corpo próprio. E, nova curiosidade, adequação do corpo às sobras do mundo.

Então, se é por entre as relações barradas que os homens vêm se construindo e avançando, (escuto Francis Ponge por aqui a me dizer que o homem é o que virá do homem, *l'homme est l'avenir de l'homme*), parece interessante que possamos ser provocados a pensar nas coisas cuidadosamente manufaturadas por esses poetas.

Nesta tão delicada relação entre a arte e a vida, entre a experiência da arte e a percepção da vida (que nos levaria a alguma utilidade da arte?), os objetos poéticos de **anacristinacesar, arthurbispodorosario, manoeldacosta, franskrajcberg**, sendo construídos a partir de sobras e de restos, considerada aqui uma global economia do Estado, da Cultura e mesmo uma certa economia da Natureza, colocam, talvez, cunhas no nosso pensamento. Somos forçados, frente a eles a alargar nossa capacidade reflexiva, nossa linguagem, nossa dicção. Com Barthes, nos sentimos selvagens, quando, a sós frente a certas manifestações da arte, nos vemos “cientificamente” desarmados”.

Então, para conseguirmos falar seria preciso reaprender a língua. Daí, também, por que considerar a possibilidade **de repetir o movimento** de cada um dos poetas na construção de sua dicção poética pode ser um exercício, digamos, útil, no alargamento dos territórios.

Giorgio Agamben, filósofo italiano, nos pergunta o que pende em nosso pensamento. O que pende quando pensamos?

Com esses poetas podemos responder, pausadamente, que pende nosso corpo todo quando pensamos. E se “a grande odisséia é a conquista de nossa própria voz”, de nossa dicção individual, como sugere Henri Meschonnic, é responsável afirmar que ao percorrermos lugares configurados por outros, se nos expomos a tais lugares, constituídos por coisas engendradas em lógica peculiar, experimentamos, de certo modo, outros em nós.

Antes de avançar repito aqui, quase que histericamente, se leio Barthes, trecho do livro A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins. A efeméride do dia 23 de outubro nos diz:

Vejo, num filme documentário, desenhos escavados em certa planície do Peru, desértica – uma aranha, um pássaro um pavão –, de tais proporções que só de boa altura, em vôo, os identificamos. Pode o homem andar a vida inteira por cima desses sulcos, sem jamais supor que integram uma figura harmoniosa, traçada com

sabedoria. Desejariam, os que conceberam e imprimiram no solo pedregoso tão perturbadoras imagens – e que, sem asas, nunca puderam vê-las –, significar que a ausência de sentido, nas obras e arte e na vida, pode advir das nossas limitações?(LINS, 1986. p.43).

Se volto ao que me propus, e isto talvez venha em boa hora, é preciso apresentar este pequeno sistema de sobras, polinúcleo quadrifeito, rizomático na hierarquia de suas possibilidades explicativas, portanto não-causal, entretanto tampouco casual. Esta escritura com o próprio corpo, promovida, neste caso específico, nesta **efeméride**, pelas manifestações poéticas **anacristinacesar**, **arthurbispodorosario**, **manoeldacosta**, **franskrajcberg**.

(ritornelo, fuga e ememória; labirinto e escrita-de-si; fio narrativo e fuga; o mundo e nós-no-mundo; cartografias e fragmentos)

(imagem poema leminski: pinço/paço/passo)

1 Ana Cristina Cesar

(imagem Ana Cristina Cesar: rabiscos caderno porth e traduções)

Marcada por um ponto de vista, por um lugar de olhar muito particular, Ana Cristina não se filiava a grupos de poetas ou de teóricos. Tradutora profícua ensaiava sua poética nas poéticas que traduzisse.

2 Arthur Bispo do Rosário

(imagem arthur bispo do rosario: objetos envolvidos com fio azul)

Ao longo de cinquenta anos, num manicômio, ele esteve observando, catalogando, higienizando, analisando, comparando, escolhendo, classificando, refutando, arquivando, classificando, repetindo, testando – em tarefas de homem lógico, metódico, construtor – as sobras de um mundo interdito.

3 Frans Krajcberg

(imagem frans krajcberg: a mão na árvore braço; o capuchinho)

Pensando não: com os olhos vendo as flores de **franskrajcberg**, vou ao dicionário em busca das coisas óbvias – coisas que saltam aos olhos; coisas que (se) desviam (d)o olhar inconvenientemente. A chaga é uma coisa óbvia. Vejamos uma chaga: (dicionário e as diversas definições de chaga, após o capuchinho em flor)

4 Manuel da Costa

(imagem manuel da costa: duas séries de três, natureza e urbe)

Para mim parece claro (mas posso estar completamente enganada): enquanto reúne todas as suas pequenas coisas – aos nossos olhos invisíveis – **manueldacosta** está ali a escutá-las, a a preceber em cada uma sua textura, sua consciencia, o movimento de seu contorno, sua forma, e sua cor; e sua tendência – os possíveis lugares para onde a pequena coisa por ele pinçada pode vir a se dirigir; as zonas de influência alcançadas pela pequena coisa; seu raio de ação, caso seus limites fossem rompidos – a flor como uma pequena bomba? –, seu variado desenvolvimento, seu estender-se irregular e orgânico.

Conclusão

*Principais conceitos. Apresentação autores e teóricos. As artes. A dança e a música, e o descontrole. Postura cognitiva. Projetos de pesquisa. Ensaio como dicção – a **ecférese**.*

O território do teu corpo. Qual o mapa que traça os limites do corpo? Do teu corpo, do meu corpo, do que encorporo, do que incorpo (importo e exporto) das agregações, das famílias, das sociedades, das *&co*, limitadas ilimitadas internacionais multifacetadas?...

No filme sobre o nomadismo, *O paciente inglês*, sem um documento que o identificasse, que o garantisse, ele pergunta numa fronteira em tempo de guerra: que importa de onde eu venho, para onde vou, qual meu país?

Meu corpo está ferido. Isto é o que me importa: recuperar meu corpo, resgatar meu corpo, curar meu corpo.

“O que falta é uma nomadologia” pedem deleuzeEguattari.

(para entendê-la é preciso topologia, topografia, e tipografia; *wattagem*)

Referências Bibliográficas

- [1] AGAMBEN, Giorgio. *La fine dei pensieri*. (brochura)
- [2] BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- [3] BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Éd. Du Seuil, 1995.
- [4] CESAR, Ana Cristina. *Tradução e crítica*. São Paulo: Ática,
- [5] CESAR, Ana Cristina. *Cadernos de Portsmouth e Colchester*
- [6] CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- [7] DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. cinco volumes. várias datas
- [8] DELEUZE, Giles. *L'image-temps*. Paris: Les É. de Minuit, 1985
- [9] DELEUZE, Giles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992 .
- [10] LINS, Osman. *A rainha dos cárceres da Grécia*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara, 1986.
- [11] MESCHONNIC, Henri. *Critique du Rythme: pour une anthropologie historique du langage*. Verdier, 1982.
- [12] NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- [13] REQUIÃO, Renata Azevedo. *Estesias* (tese de doutoramento). Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- [14] BARROS, M. *Atrás dos olhos claros*.
- [15] SUSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem, não me risque nada.(sobre Ana C)*. São Paulo: Sette Letras
- [16] sobre Arthur Bispo
- [17] sobre Manuel da Costa
- [18] sobre Frans Krajcberg
- [19] *La scène*

Autor

¹**Renata Azevedo REQUIÃO, Profa. Dra**

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Faculdade de Letras (FL)
Departamento de Letras Vernáculas
ar.renata@gmail.com